

Escutas no Ambiente Hospitalar: cenas de um estágio supervisionado em um Curso de Licenciatura em Música

*Cláudia Maria Freitas Leal
Escola Waldorf Querência
clamfleal@gmail.com*

*Maria Cecília de Araújo Rodrigues Torres
Centro Universitário Metodista - IPA
mariaceciliaartorres@yahoo.com.br*

*Lucia Helena Pereira Teixeira
Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)
luciateixeira@unipampa.edu.br*

Resumo: Este trabalho apresenta cenas de um projeto de estágio supervisionado em um Curso de Licenciatura em Música na cidade de Porto Alegre, que aconteceu ao longo de dez anos (2007 - 2018) e que são narradas por três professoras deste Curso que atuaram como supervisoras destes estágios. O nosso principal objetivo foi o de trazer questões relacionadas à escuta musical no contexto hospitalar, no sentido de refletir sobre os modos de escuta naquele contexto, muitas vezes difusos. Relatamos momentos em que vivenciamos a escuta dos sons que penetram nos espaços; ora, uma escuta corporal que quer rodopiar e acompanhar o ritmo das músicas; outra, uma escuta entrelaçada, em uma mistura de sons do ambiente com as sonoridades dos instrumentos musicais e melodias, ou uma escuta difusa, sem identificação de sons específicos, mas que perpassa, traz emoções e faz aflorar sentimentos, sem deixar de considerar a escuta com foco na percepção musical e das paisagens sonoras do contexto hospitalar. Este projeto foi inicialmente fundamentado em trabalhos de autores como FLUSSER (2006, 2011, 2013, 2014), LE BRETON (2005), Caldeira e Fonterrada (2005) e Joly (2003). Finalizamos estas reflexões destacando o caráter de mobilidade e efemeridade desta modalidade de estágio.

Palavras-chave: educação musical no hospital; estágio supervisionado; escuta musical

Introdução

Entre 2007 e 2018, professoras orientadoras de estágio supervisionado de um curso de licenciatura iniciaram a prática de estágio em educação musical em espaços hospitalares em Porto Alegre. A iniciativa partiu de um convite realizado pela coordenadoria de graduação do Centro Universitário Metodista - IPA, naquele ano de 2007, que acabava de implementar atividades pedagógicas autorizadas e estimuladas pela Lei de Diretrizes e Bases (1996)¹ e pela Política Nacional de Humanização - O HumanizaSUS² (2003), no Hospital da Criança Santo Antônio, mantido pela Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre. Ao longo destes dez anos de atividades, seis realizadas em um hospital público infantil e quatro em hospital adulto privado, este estágio envolveu quatro supervisoras da instituição formadora e quase uma centena de estudantes.

Realizados os contatos entre o Curso e o Hospital, constituímos um grupo de estudos preparatório à inserção no campo de estágio, composto pelas supervisoras e estagiários, em sintonia com o serviço de orientação psicológica da instituição hospitalar. Este grupo se iniciava ao início de cada semestre com a realização de leituras, discussões e trocas de experiências. Dentre os autores abordados, podemos citar: Joly (2003); Matos; Mugiatti (2009); Leão (2006); Louro (2006); Ferreira; Remedi; Lima (2006); Ceccim (2007); Kebach; Duarte (2009); Leão; Flusser (2008); Fonterrada (2008); Morato; Neves (2009); Flusser (2006, 2011, 2013, 2014); Silva Júnior (2012); Torres; Leal (2013); Caldeira e Fonterrada (2005) e Miranda (2016). A cada semestre havia a constituição de um novo grupo, que findava com a finalização do estágio.

Após seis anos de atividades junto ao Hospital da Criança, recebemos o convite para realizar este estágio em um hospital privado e de adultos, também em Porto Alegre. Avaliamos a proposta e o convite foi aceito, já que no Hospital da Criança havia uma quantidade

¹A LDB nº9.394/96 em seu parágrafo 2º do art. 58, capítulo V - Educação Especial, expressa que “o atendimento será feito em classes, escolas, ou serviços especializados sempre que, em função das condições específicas do aluno não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular”. (BRASIL, 1996).

² https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_humanizacao_pnh_folheto.pdf. Acesso em 09/08/2021.

significativa de atividades ofertadas por voluntários e também nós tínhamos o desejo de desafiar o grupo de estagiários em práticas pedagógico-musicais com adultos. As características institucionais de um hospital privado e de adultos, traria consigo outras possibilidades de práticas de educação musical. Neste sentido, as supervisoras e estagiários foram desafiados a estabelecer novas rotinas e planejamentos que se adequassem ao novo contexto proposto ao estágio. Além das questões referentes à faixa etária, como diferenças entre um ambiente e o outro podemos destacar o acompanhamento das atividades por um responsável do hospital.

O espaço coletivo passou, então, a ser o corredor, “palco” principal das atividades musicais, mesmo que o som “vazasse” aos quartos individuais. Em alguns momentos era solicitada, inclusive, a presença do grupo de estagiários em algum quarto e, em outros, que fizéssemos silêncio, pois o paciente não poderia ou não desejaria escutar música. Nos quartos, individuais ou em duplas, as ações passaram a ser focadas àquele paciente específico. A realização do estágio com adultos abriu a perspectiva de se trabalhar com referenciais teóricos, situações e escutas diversos.

Ao trazermos para este trabalho algumas cenas vivenciadas por nós nos espaços dos hospitais e imbricadas com a prática pedagógico-musical, ressaltamos aspectos relacionados aos modos de escuta naqueles contextos, muitas vezes difusos, corporais e gestuais.

Cena 1. “Fazer o corredor”

Em meio ao início de uma nova experiência como professoras supervisoras de estágio em um hospital público, o movimento nos corredores dos andares SUS nos apontava caminhos e encontros com Educação Musical. Estimulamos que cada estudante penetrasse nesta nova realidade reafirmando suas características musicais e sua formação humana. Nos corredores, os estagiários faziam as primeiras práticas coletivas andando, cantando e tocando seus instrumentos musicais. Assim, diferentemente dos estágios em espaços escolares, em que a escola e as turmas que são campos do estágio são observadas visando ao planejamento de ações pedagógico-musicais, o período de observação no contexto hospitalar ocorria após a realização das leituras e dos seminários de discussão, e consistia na imersão dos estagiários naquele ambiente, visando à escuta das sonoridades do hospital para a posterior elaboração

de um planejamento de estágio. As formas de escuta no ambiente hospitalar³ são variadas e “estão simultaneamente em jogo, onde múltiplas camadas de conhecimento auditivo e experiência podem ser encontradas” (RICE, 2015, p. 104). Além disso, nos embasamos nas práticas de coros de/em hospitais que utilizam o corredor como forma de se comunicar musicalmente com os pacientes internados. Conforme Torres e Leal (2013),

à medida que os olhares dos estagiários pudessem perceber situações específicas de atuação junto a determinadas crianças, começavam a se reorganizar em grupos menores ou individualmente, de acordo com suas experiências musicais e surgiam novas práticas, decorrentes das demandas das crianças e jovens (TORRES; LEAL, 2013, p. 54).

Com o passar dos semestres, ao longo dos anos, novos grupos se constituíram tanto no hospital público quanto no privado, e a estratégia descrita permaneceu como a atividade inicial. Observar os pacientes, escutar suas músicas de preferência e também as sugestões musicais dos estagiários tornaram-se ações constituintes do planejamento do estágio.

Cena 2. “Onde posso comprar uma flauta doce para a minha filha aqui perto?”

Na segunda turma de estagiários havia estudantes tecladistas, cantores, violonistas e uma estudante com um vínculo qualificado com a flauta doce como instrumentista, professora e monitora desse instrumento musical em um projeto social. Assim, ensinar flauta doce foi a forma de ação pedagógico-musical escolhida pela estagiária flautista. Nesse sentido, seu planejamento de estágio foi elaborado considerando dois momentos: o primeiro, tocar flauta nas atividades de conjunto, com os colegas, no corredor, e, em um segundo momento, convidar as crianças que tivessem relativas condições de saúde para fazer aulas de flauta doce durante sua internação. Desta forma, a aula de flauta contribuiria para a formação educacional interrompida da criança hospitalizada, ressignificando o tempo e o espaço hospitalar. Flusser (2013), nos lembra que crianças hospitalizadas estão submetidas, pela internação hospitalar, à situação de afastamento das vivências de educação: “A experiência

³ O antropólogo Tom Rice, realizou pesquisa, dentro do campo da Antropologia Sonora, sobre os diferentes tipos de escuta no ambiente hospitalar, buscando compreender como variadas práticas de escuta envolvem a produção de conhecimento médico. Para além da auscultação de pacientes, resultados da pesquisa evidenciaram a importância do toque e do olhar do médico em relação ao paciente, a fim de realizar diagnósticos. Assim, o ato de auscultação, com o uso do estetoscópio, envolve também a interação de outros sentidos.

da hospitalização é sempre acompanhada por sentimentos de ansiedade, angústia e perda de autonomia pelos pacientes e seus familiares” (FLUSSER, 2013, p. 14).

Reunida a supervisora da instituição formadora com a equipe do hospital responsável pelos estágios e com a estagiária, surgiram questionamentos por parte da equipe hospitalar: a flauta doce pode transmitir vírus? Como os demais pacientes dos quartos reagiriam às aulas de flauta, dado ao inusitado da situação e já que a organização hospitalar não realizava o preenchimento dos quartos por pacientes de mesma faixa etária? Como os bebês, adolescentes e acompanhantes reagiriam ao escutar as aulas de flauta doce que não haviam escolhido escutar? Como solucionar a presença constante do som do aparelho de televisão ligado? Como a professora supervisora acompanharia a estagiária nesta atividade individual, enquanto os outros estagiários estariam em outros espaços?

Nestas perguntas localizamos questões que nos remetem à escuta em ambientes tradicionalmente classificados como silenciosos. Discutimos em equipe sobre esse conceito e como há sons naturalizados no ambiente hospitalar que podem interferir no bem estar sonoro do hospital. Flusser (2013, p. 88) pondera sobre esta questão quando nos relembra:

Cuidado! Antes de mais nada, o mundo deve ser também escutado! Se nós tentarmos escutar esses espaços, ficaríamos chocados! Esses espaços estão cheios de “sujeiras” sonoras, formando um ambiente desagradável para os profissionais (responsáveis pelo bom acolhimento dos usuários): portas batendo, carrinhos rangendo, saquinhos plásticos farfalhando, aparelhos de ar-condicionado ou ventiladores roncando! (FLUSSER, 2013, p. 88).

Após as considerações feitas pela equipe hospitalar, a estudante apresentou alternativas para possibilitar a realização de seu planejamento. A primeira seria em relação ao ambiente sonoro do espaço hospitalar. Passou a fazer parte de sua proposta como um primeiro momento das atividades da aula, a escuta dos sons do ambiente. Para isto utilizou os exercícios de escuta do ambiente sonoro (SCHAFER, 1991). Em relação às questões específicas da aula de flauta doce, se comprometeu a levar consigo sempre uma boa quantidade de flautas para que as crianças não repetissem o uso do mesmo instrumento musical. Ao final da aula, a estudante se empenhava em lavar a flauta na torneira de água quente do quarto e, após secá-la, colocá-la em outra sacola para não se misturar às não utilizadas. A equipe do hospital definiu que haveria sempre uma enfermeira no quarto para

acompanhar as aulas e, por último, a estagiária se comprometeu, como educadora musical já atuante em projetos sociais, a ser sensível às manifestações do contexto e propor alternativas.

Ficou também combinado que, caso fosse possível e a criança/aluno pudesse deixar o quarto, a estagiária encaminharia sua retirada para outro espaço com a ajuda dos acompanhantes e da equipe de enfermagem. Os espaços hospitalares possíveis de serem ocupados para a realização das práticas pedagógico-musicais eram a sala de recreação infantil – onde havia a presença de outras crianças, acompanhantes, brinquedos variados e computadores – ou uma pracinha a céu aberto, em um dos andares do hospital. Sabíamos da impossibilidade de entrar nos quartos de crianças em isolamento. No entanto, mesmo com esse impedimento, seria possível interagir com esses pacientes, somente com gestos e expressões faciais, sem som, a partir da janela de vidro do quarto.

A prática se iniciou com ajustes e muito cuidado. Na segunda semana, após a atividade de corredor, a estagiária já começou a se dirigir aos quartos dos interessados. A partir deste momento, somente os outros estudantes foram acompanhados pela supervisora de estágio em suas práticas. Em algum momento, a docente foi solicitada a conversar com o pai de uma criança que estava fazendo as aulas de flauta. O pai da aluna perguntou onde poderia comprar uma flauta doce para a filha, ali por perto: “Saio rapidinho e vou lá comprar!”

Em um primeiro momento, pensamos na possibilidade deste pai estar com receio de contaminação por usar as flautas que a estagiária fornecia para as aulas, mas não: o pai queria aproveitar as aprendizagens que sua filha teve no hospital e levá-las para a vida. A educação musical trouxe consigo uma possibilidade de ressignificação do espaço hospitalar.

Cena 3. “Tocar não, mas dançar, sim!”

Era uma sexta-feira pela manhã, como muitas outras em que começamos as nossas práticas musicais do estágio supervisionado em música pelos corredores do hospital de adultos, e tínhamos como um dos propósitos, convidar, com a nossa música, os pacientes, familiares e funcionários do hospital a abrirem as portas dos quartos e saírem, para fazerem música conosco nos corredores. Não lembramos bem das músicas que começamos a tocar, mas lembramos, sim, que tinham dois estagiários tocando violão, outros fazendo percussão com pandeiro, maracas e canto. A professora supervisora do estágio caminhava cantando e

levava nos bolsos do jaleco alguns instrumentos pequenos e leves de percussão para oferecer e convidar as pessoas que pudessem segurar com uma das mãos e tocar junto. Os instrumentos pequenos eram próprios para essa atividade itinerante pelos corredores, com a música invadindo os corredores e entrando por baixo das portas e frestas do cotidiano hospitalar, deixando “sem defesas o homem que [dos sons] deseja defender-se; eles ultrapassam obstáculos e fazem-se ouvir, indiferentes à vontade do indivíduo” (LE BRETON, 2005, p. 8).

Junto a uma das portas dos quartos que se abriram, havia um casal, do qual a supervisora de estágio aproximou-se, oferecendo-lhes um instrumento musical. A jovem senhora começou a tocar chocalho e a cantar. O marido estava ao lado dela e usava óculos escuros. Aproximando-se, a docente perguntou-lhe se gostaria de tocar com o grupo, e este respondeu: “Tocar não, mas dançar, sim!”. Surpresa, a professora concordou. Neste momento, tocava o baião *Eu só quero um xodó* e começaram a dançar no corredor, com os pacientes, acompanhantes e alunos do grupo tocando e cantando. Quando a música terminou, ele agradeceu e retornou para sua esposa, que continuava na porta do quarto, escutando e tocando o chocalho. Em seguida, esta perguntou à docente se ela havia percebido que seu marido era cego. Mais uma vez a professora ficou surpresa e emocionada, pois não havia percebido, durante toda a dança, que seu par tinha deficiência visual. Lembramos das palavras de Le Breton, em seu texto “Música no hospital”, no qual o autor comenta que:

O ouvido penetra para além do olhar, imprime um relevo aos contornos dos acontecimentos, povoa o mundo com uma soma inesgotável de presenças, de vidas ocultadas [...] Traduz a espessura sensível do mundo, num ponto onde o olhar se contentaria com as superfícies e passaria para outras coisas, sem suspeitar dos vibrantes bastidores que o cenário dissimulava (LE BRETON, 2005, p. 2).

A descrição desta cena traz mais uma vez para nós, educadoras musicais, a possibilidade de refletirmos sobre as escutas que acontecem no ambiente hospitalar, a partir de nossas vivências/experiências: ora, uma escuta corporal que quer rodopiar e acompanhar o ritmo das músicas; outra, uma escuta entrelaçada, em uma mistura de sons do ambiente com as sonoridades dos instrumentos musicais e melodias, ou uma escuta difusa, sem identificação de sons específicos, mas que perpassa, traz emoções e faz aflorar sentimentos.

Cena 4. “E o futuro é uma astronave que tentamos pilotar...”

Esta cena aconteceu no estágio, durante a semana da criança. Os estagiários estavam caracterizados e vestidos diferentes dos outros dias. Além do jaleco, vieram com enfeites como tiaras, chapéus, gravatas, laços convidativos. Montaram um espaço para a prática musical no final do corredor, colocaram estantes de música, e com seus instrumentos cantavam e convidavam os pacientes e familiares a participar, fazendo música coletivamente.

Em determinado momento, a porta de um dos quartos se abriu e um casal, formado por um paciente e sua esposa, tendo escutado a música *Aquarela*, saiu do quarto e começou a dançar no corredor, próximo aos estagiários. Na verdade, ficaram um pouco atrás dos discentes que, tendo percebido a presença deles, continuaram tocando para que o casal aproveitasse, da melhor forma possível, aquele momento. Para Rice (2015), “escutar pode envolver o corpo todo do ouvinte e, em alguns contextos de escuta, tais como a dança, é a fisicalidade da escuta e a plenitude da resposta corporal ao som [...] que são mais perceptíveis” (RICE, 2015, p. 103). Depois soubemos que, mesmo acamado, o paciente havia pedido para dançar com a esposa, já que aquela música fazia parte da trilha sonora de suas vidas. Um tempo depois, este paciente veio a óbito. Este momento foi registrado em vídeo pelo Hospital e encontra-se no YouTube⁴.

Considerações Finais

Estas cenas, relatos e depoimentos nos estimulam a pensar neste contexto como um espaço qualificado de educação musical humanizada. Refletindo sobre as práticas de estágio realizadas, percebemos a ampliação da percepção e escuta musicais para além dos elementos

⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=Zy37fXXtKj4>: “[...] é casado com [...] há 34 anos, mas quando vistos juntos mais parecem um casal recém apaixonado. Dois anos atrás, [...] esteve doente e não perdeu as forças e a vontade de lutar e voltar para o seu eterno namorado. E assim ela superou. Por causa de um câncer, hoje é [...] quem encontra-se internado e acamado há mais de dois meses. Como ocorre mensalmente, na semana passada os alunos do curso de Música do IPA, de Porto Alegre, tocaram algumas músicas para pacientes do Hospital [...]. Mas, desta vez, com uma surpresa: [...] se levantou pela primeira vez em dois meses e dançou a música *Aquarela*, de Toquinho e Vinícius de Moraes, com a sua amada, a música do casal. O olhar de cumplicidade entrega: foi a vez de [...] voltar para o amor dele [...]!”

tradicionais da linguagem musical. Houve momentos em que ficou evidente a resposta corporal dos pacientes e o reconhecimento dos estagiários destes movimentos como resposta a uma escuta das práticas musicais.

Acompanhar os estagiários em suas descobertas de possibilidades de escuta diferenciadas do contexto tradicional da sala de aula nos faz pensar que esta modalidade de estágio se constituiu em espaço de formação qualificada onde o educador musical se depara constantemente com sua habilidade de escutar. Seja escutar com calma a manifestação da preferência musical dos pacientes, ou ainda, escutar, tocar e acompanhar no tom adequado.

Além disso apontamos também a habilidade desenvolvida em escutar e incorporar em suas práticas os diversos sons do hospital. Desta forma, os estagiários se desafiavam a compor com os alunos um novo espaço sonoro. A cada prática se desenvolvia uma escuta significativa em meio à rotina hospitalar.

Um outro aspecto que perpassou nossas ações como supervisoras deste estágio teve relação com os repertórios selecionados para este espaço, constituindo-se em um exercício e desafio contínuo de escuta e ampliação das músicas, dos pedidos musicais que eram feitos, impregnados de memórias e afetividade, e dos momentos das nossas práticas, que mudavam de acordo com os pacientes, familiares, temperatura do dia, estado de saúde e muito mais. Havia um repertório inicial a cada semestre, com uma *playlist* em torno de dez músicas; ao final do estágio, era comum este número ter-se ampliado, chegando em torno de cinquenta músicas. Muitas delas eram desconhecidas para os estagiários, que acabavam apreendendo-as e ensaiando-as para serem tocadas e cantadas com os pacientes. Um trabalho de percepção e escuta contínua, que consideramos como uma das grandes aprendizagens deste estágio.

Como possibilidade de ampliar os diálogos com colegas da área, este estágio também gerou a produção de artigos como os de Torres e Leal (2013) e o de Reggiori (2017), assim como o capítulo de livro de Torres, Leal e Franklin (2020), além de apresentações em eventos nacionais e internacionais, tais como: XV Encontro Regional ABEM Sul (2012), ISME/Brasil (2014), ISME/Glasgow (2016), II Encontro das Licenciaturas da Região Sul - II PIBID SUL (2017), e, Encontros Regionais unificados ABEM Sul (2020).

Ao finalizarmos este relato, trazemos alguns questionamentos para discussão na área da educação musical: Que educação musical foi proporcionada nesses estágios supervisionados no ambiente hospitalar? Como realizar práticas pedagógico-musicais em ambientes que se caracterizam por mobilidade e efemeridade? Que escutas musicais são realizadas nestes espaços? Como são realizadas as escutas musicais nestes espaços?

Referências

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 1996. Disponível em [Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996](#). Acesso em 09/08/2021.

BRASIL. Política Nacional de Humanização. 2003. Disponível em https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_humanizacao_pnh_folheto.pdf. Acesso em 09/08/2021.

CALDEIRA, Zoica Andrade; FONTERRADA, Marisa. O Papel mediador da Educação Musical no contexto hospitalar: uma abordagem sócio-histórica. IN: *Anais XV Congresso/ANPPOM*, 2005.

CECCIM, Ricardo Burg. “Um sentido muito próximo ao que propõe a educação permanente em saúde”! O devir da educação e a escuta pedagógica da saúde. *Interface, comunicação, saúde, educação*. v.11, n.22, mai/ago, 2007, p. 345-363.

FERREIRA, Caroline Cristina; REMEDI, Patrícia Pereira; LIMA, Regina Aparecida. A música como recurso no cuidado à criança hospitalizada: uma intervenção possível? *Revista Brasileira de Enfermagem*, 59 (5), outubro, 2006.

FONTERRADA, M. T. de O. *De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação*. – 2. ed. São Paulo: Editora UNESP; Rio de Janeiro: Funarte, 2008.

FLUSSER, Víctor. A música é extraordinária. Entrevista por Zoica A. Caldeira. *Revista ouvirOUver*, n.2, Uberlândia: Editora da UFU, 2006.

FLUSSER, Víctor. *Músicos do Elo: músicos atuantes humanizando hospitais*. São Paulo: Annablume, 2013.

FLUSSER, Víctor; SANTORO, Luiz Fernando; ALMEIDA, Fernando Antonio de. A saúde cultural: uma consideração referencial do projeto Músicos do Elo. *Revista da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba*, v. 16, n.2, 2014.

JOLY, Ilza. Música e Educação Especial: uma possibilidade concreta para promover o desenvolvimento de indivíduos. *Revista do Centro de Educação - UFSM*, vol.28, n.02, 2003.

KEBACH, Patrícia Fernanda; DUARTE, Rosângela. Oficinas pedagógicas musicais: espaço construtivista privilegiado de formação continuada. Schème: *Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas*, v. 1, p. 1-18, 2009.

TORRES, Maria Cecília, A. R.; LEAL, Cláudia Maria, F. L.; FRANKLIN, Nisiane. Educação Musical em espaços de saúde: diálogos e questionamentos na formação docente. In: BARBOSA, Frederico Celestino (Org.). *Pesquisa e Desenvolvimento em Saúde: A arte de salvar vidas*, Piracanjuba: Editora Conhecimento Livre, 2020, p.120-130.

LE BRETON, David. Música no hospital. *Os cadernos da música no hospital*, publicação do Centre de Formation de Musiciens Intervenants, Université March Bloch, Estrasburgo, França, n. 2, dez. 2005, p. 8-13.

LOURO, Viviane. *Educação Musical e Deficiência: Propostas Pedagógicas*. São José dos Campos: Ed. do autor, 2006.

MATOS, Elizete Moreira; MUGIATTI, Margarida Maria. *Pedagogia hospitalar - A humanização integrando educação e saúde*. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

MIRANDA, Paulo César. A Vivência da música na humanização hospitalar: O ambiente sonoro enquanto atividade relacional. *Anais: II Jornada Acadêmica Discente – PPGMUS ECA/USP*, 2016.

MORATO, Cíntia Thais; GONÇALVES, Lilia Neves. Observar a prática pedagógico-musical é mais do que ver! In: MATEIRO, Teresa; SOUZA, Jusamara (Orgs.). *Práticas de ensinar música: legislação, planejamento, observação, registro, orientação, espaços, formação*. Porto Alegre: Sulina, 2009. Cap. 7, p. 111 a 123.

REGGIORI, Márcio Bittencourt. Estágio Supervisionado no Hospital: um novo panorama de atuação e uma nova realidade na rotina das instituições de saúde. *Revista da FUNDARTE*, Montenegro, ano 17, nº 34, agosto/dezembro, 2017, p.94-109.

RICE, Tom. Listening. In: NOVAK, David; SAKAKEENY, Matt (Orgs.). *Keywords in sound*. Durham; London: Duke University Press, 2015. p. 99-111.

SILVA JÚNIOR, J. D. Música e saúde: a humanização hospitalar como objetivo da educação musical, *Revista da Abem*, v.20, n.29, jul.dez. 2012, p. 173-174.

TORRES, Maria Cecília, A. R.; LEAL, Cláudia Maria, F. L. Reflexões de professoras supervisoras de estágios supervisionados de Música no ambiente hospitalar: desafios e aprendizagens. *Revista da Fundarte*, ano 13, n. 26, julho/dezembro 2.

